

Questão 1 – Leia o poema abaixo para responder à questão.

Vícios na fala

Para dizerem milho, dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

(Oswald de Andrade. *Poesias reunidas*. In.: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 47.)

a) De quem o poeta está falando?

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

--

b) Leia o fragmento abaixo do texto “Manifesto da poesia pau-brasil”, de Oswald de Andrade :

“A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.”

(Oswald de Andrade. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 86.)

Qual a relação entre o poema e o que defende o poeta no trecho do texto *Manifesto da poesia pau-brasil*, em que ele apresenta suas orientações para a escrita poética no Brasil?

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

Leia o trecho abaixo, do conto “Um cinturão”, de Graciliano Ramos, para responder à questão.

“As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.

(...)

Meu pai dormia na rede, armada na sala enorme. Tudo é nebuloso. Paredes extraordinariamente afastadas, rede infinita, os armadores longe, e meu pai acordando, levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no chão, a cara enferrujada. Naturalmente não me lembro da ferrugem, das rugas, da voz áspera, do tempo que ele consumiu rosnando uma exigência. Sei que estava bastante zangado, e isto me trouxe a covardia habitual. Desejei vê-lo dirigir-se a minha mãe e a José Baía, pessoas grandes, que não levavam pancada. Tentei ansiosamente fixar-me nessa esperança frágil. A força de meu pai encontraria resistência e gastar-se-ia em palavras.

Débil e ignorante, incapaz de conversa ou defesa, fui encolher-me num canto, para lá dos caixões verdes. Se o pavor não me segurasse, tentaria escapulir-me: pela porta da frente chegaria ao açude, pela do corredor acharia o pé de turco. Devo ter pensado nisso, imóvel, atrás dos caixões. Só queria que minha mãe, sinhá Leopoldina, Amaro e José Baía surgissem de repente, me livrassem daquele perigo.

Ninguém veio, meu pai me descobriu acororado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.

(...)

Onde estava o cinturão? Impossível responder. Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava. Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as conseqüências delas me acompanharam.

O homem não me perguntava se eu tinha guardado a miserável correia: ordenava que a entregasse imediatamente. Os seus gritos me entravam na cabeça, nunca ninguém se esgoelou de semelhante maneira.

(...)

Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro.

(...)

O suplício durou bastante, mas, por muito prolongado que tenha sido, não igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro a magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar uma interrogação incompreensível.

Solto, fui enroscar-me perto dos caixões, coçar as pisaduras, engolir soluços, gemer baixinho e embalar-me com os gemidos. Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, afastar as varandas, sentar-se e logo se levantar, agarrando uma tira de sola, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara. Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado.”

(RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1984, pp. 45-47.)

Releia os trechos.

- a) “Meu pai dormia na rede, armada na sala enorme. **Tudo é nebuloso**. Paredes extraordinariamente afastadas, rede infinita, os armadores longe, e meu pai acordando, levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no chão, a cara enferrujada.”
- b) “**Havia uma neblina**, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas.”

Agora leia as definições abaixo.

Neblina *s. f.* **1** névoa baixa e fechada; nevoeiro **2** *fig.* ausência de luz, escuridão.

Nebuloso *adj.* **1** coberto de névoa, de nuvens; nebulento, nevoeiro, nevoento **2** *p. ext.* que indica tempestade iminente; ameaçador, incerto **3** *p. ana.* que não é límpido ou transparente; turvo, opaco **4** *p. metf.* sem definição; indistinto **5** *p. metf.* difícil de entender; obscuro, incompreensível.

(HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2007.)

Questão 2 – Nos dois trechos o autor utilizou-se da imagem da neblina para tentar apresentar aspectos da situação vivida. Explique o que representa a imagem da neblina em cada uma das cenas.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO
